

GUTIERREZ (organiz.) – *Los símiles de la República VI-VII de Platón*. ed. Fondo editorial PUC-Perú, Lima, 2003, 200 pg.

A Puc-Peru, por meio do Prof. Raúl Gutierrez, teve o grande mérito de reunir onze pensadores de alto rigor filosófico da Europa e das Américas: Thomas Robinson (Canadá), Rachel Gazolla (Brasil), Miguel L. Ordovás (Espanha); Elisabetta Cattanei (Itália), Nicole Ooms (México), Thomas A. Szlezák (Alemanha), Peter Simpson (EUA), o próprio organizador Raúl Gutiérrez (Perú), Charles H. Kahn (EUA), Francisco L. Lisi (Madri) e María Isabel Santa Cruz (Argentina). Discutiram o livro VI e VII da República de Platão e seus textos foram publicados no livro acima citado.

Para que o leitor saiba do leque de interpretações, tem-se desde T.Robinson, em estudo baseado na linhagem dos termos chaves da República, livro VI (*eikasia, pístis, dóxa, diánoia, nóesis, gnósis, mathema e epistémé*) apresentados nos três símiles: alegoria do sol, da linha e da caverna. Localiza o autor a origem desses termos encontrados no vocabulário do Corpus Hippocraticus e nos pré-socráticos, pontua os seus significados e empregos, bem como o lugar desses conceitos na Epistemologia de Platão (e tb. os usos feitos por

Aristóteles). Na seqüência, R.Gazolla concentra-se no livro VII, quando Platão “aponta para o fato de que algumas das sensações (*aistheseós*) levam a alma a progredir até os inteligíveis..(p.25), o que remete a autora a levantar alguns problemas de tradução assentadas quanto às palavras *lógos, diánoia, nóus, legéin, phroneîn e noeîn* para fixar-se na questão platônica da chamada “conversão”, no livro VII, pela via do *phronésai* que, como diz o filósofo, é uma espécie de “giro” da parte logística da alma de difícil apreensão no texto citado e poucas interpretações a respeito.

Após esse instigante artigo, também paradoxos e aporias são recolhidos no símile da caverna por Miguel Lizano, e constata ele que dos três símiles que tratam de dizer o que é o Bem, apenas o da caverna conta com a temporalidade, por isso é o que mais se aproxima da definição de justiça na *República*. Considera necessário buscar a questão da *akribeia* quando Platão dela tratou no livro IV, na reflexão sobre as virtudes. Na seqüência, Elisabetta Cattanei estuda o estatuto dos seres matemáticos nos livros VI e VII e leva, admiravelmente, o leitor a com-

HYPNOS

ANO 10 / Nº 14 – 1º SEM. 2005 – São Paulo / p. 133-142

preender o valor das *téchnai* para a formação do filósofo-político (pág.53), pois no caso das matemáticas “têm o poder de elevar a alma do devir ao ser” (p.68), projetando a ligação importante entre *lógis-mos* e *theoreîn*. O Bem será o tema seguinte que Nicole Ooms pretende demonstrar; aparece nos livros centrais da *República* o tipo de explicação proposta no *Fédon* (100d) mesmo que, com modificações significativas, ou seja, como “o requisito de ordenamento entre *explanans* e *explanandum* se vê reelaborado apelando não só a um modelo de hierarquia como também a uma noção de estrutura (diz a autora). O resultado é um modelo de explicação no qual os *explanatia* chegam a formar uma rede sem a qual o Bem desempenha múltiplas funções explicativas tanto ao nível das demais formas como ao nível dos sensíveis” (p.74).

Integrante da linha interpretativa da Escola de Tübingen, T.A. Szlezák discorrerá, a seguir, sobre a idéia de Bem como *arché* na *República*. Com obras conhecidas dos platonistas, o didático artigo de Szlezák pontua quatorze proposições dos livros centrais da *República* que, segundo ele, vistas em conjunto, determinam uma “teoria do princípio (singular)” (p.88), e dá três razões para negar o que ele mesmo havia denominado de teoria do princípio, que resume dizendo “a teoria do princípio exposta pela figura literária de Sócrates, sem uma pretensão forte de verdade e de modo incompleto” (p.89). Já o artigo de Peter Simpson contraria o mundo acadêmico, de certa forma. Diz ele de “Sócrates jovem e ancião: do *Parmênides* ao *Fedón*”, e se propõe a interpretar os diálogos segundo uma cronologia dramática. Dá três razões para isso: a) por curi-

osidade; b) para compreender melhor Platão e não cometer anacronismo; c) porque “a cronologia dramática é a única que conhecemos como algo definitivo” (p.108).

Raúl Gutiérrez apresenta o texto “La estructura de los símiles de la *República* como clave hermenéutica: el *Parménides* y otros”. Demonstra “que a analogia entre esses diálogos (*República* e *Parmênides*) é tal que a estrutura mesma do *Parmênides* corresponde exatamente à estrutura do símile da linha e à alegoria da caverna.” (p.120). Sua tarefa hercúlea refere-se à análise de K. Dorter, do *Fédon*, e da interpretação de Szlezák sobre a *República* ou a *katábasis* do filósofo na caverna. Para o autor, o jovem Sócrates será ajudado a ascender até a *arché anyppóthetos* (Rep. 511b) ou até o *ikeanon* (*Féd.* 101e1), para que se funde a hipótese das Idéias como causa do conhecimento e da verdade (Rep.508e3-4).

A exposição seguinte, de Charles H. Kahn, conhecido autor de estudos sobre os pré-socráticos e Sócrates, responde à pergunta que intitula seu artigo “¿Por qué la doctrina de la reminiscencia está ausente en los libros centrales de la *República*? Reflete sobre o problema geral das doutrinas nos diálogos de Platão e tenta explicar o por quê de a teoria da reminiscência ter um apelo central no *Ménon*, *Fédon* e *Fedro* e não aparecer na *República*. Kahn propõe que se reestude “o *status* das doutrinas no trabalho filosófico de Platão” (p.147). A Kahn segue-se F.Lisi, que desenvolve vários estudos sobre o *Timeu* e dessa feita aborda o Bem, o Intelecto e o demiurgo platônicos. Discutindo autores da escola tuinguense e outros, que não a aceitam integralmente, Lisi fará ao leitor um trabalho de discussão entre autores

de grande interesse. Finalmente, María Isabel Santa Cruz, conhecida tradutora e estudiosa de Plotino, apresenta *Dialéctica y diánoia en República. Lecturas plotinianas de Platón*. Considera o símile da linha e da caverna como processo dianoético, tendo como apoio a *Enéadas* de Plotino, tratado I, 3, que é, como diz, “uma exegese integradora das caracterizações da dialética que oferece Platão na *República* e no *Sofista*, (p.167), em que há várias tensões a que Plotino faz advertências. A autora apresenta o tratado em que “Plotino se propõe retomar e reabilitar a dialética tal qual Platão a concebia e re-enunciar sua

verdadeira natureza” (p.175). Para a autora, Plotino ao admitir um certo tipo de conhecimento que esta além do dianoético - o noético - enquanto ascenso, marca o ponto final da dialética e da filosofia e o começo da mística.

Essa obra é rica em todos os ângulos e só podemos elogiar esse tipo de trabalho do coordenador e organizador da publicação, R.Gutiérrez. Um estilo de publicação que deveria ser mais assíduo.

Solange Norjosa
(doutoranda na Unicamp)
solangenorjosa@yahoo.com.br